

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Carlos Ribeiro (1813-1882), geólogo e arqueólogo.
Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento

CARLOS RIBEIRO E OEIRAS. RAZÕES DE UMA HOMENAGEM

João Luís Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

Carlos Ribeiro (1813-1882) teve, como geólogo e arqueólogo, um intenso e recorrente contacto com o território Oeirense. Ao proceder ao reconhecimento geológico dos arredores da capital, trabalho realizado em diversas ocasiões e que em parte se relacionou com abastecimento de água a Lisboa, trabalhos de que existe registo desde a década de 1850 até à de 1870, cartografou os afloramentos geológicos de diversas épocas que ocupam este tracto de terreno, representados na Carta Geológica de Portugal na escala de 1/500 000, em co-autoria com J. F. Nery Delgado, seu adjunto na Secção dos Trabalhos Geológicos, cuja primeira edição data de 1876, logo seguida de segunda edição, dois anos volvidos. No decurso desses levantamentos geológicos, identificou duas estações arqueológicas de grande relevância no território concelhio: o povoado pré-histórico de Leceia e a necrópole da gruta natural da Ponte da Lage, na margem esquerda da ribeira de Lage, fronteira à povoação do mesmo nome.

2 - O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

As explorações conduzidas no povoado pré-histórico de Leceia por Carlos Ribeiro ocorreram ao longo do ano de 1876 (N/A, 1878), porquanto a 2 de Fevereiro de 1877 iniciou a redacção da memória que viria

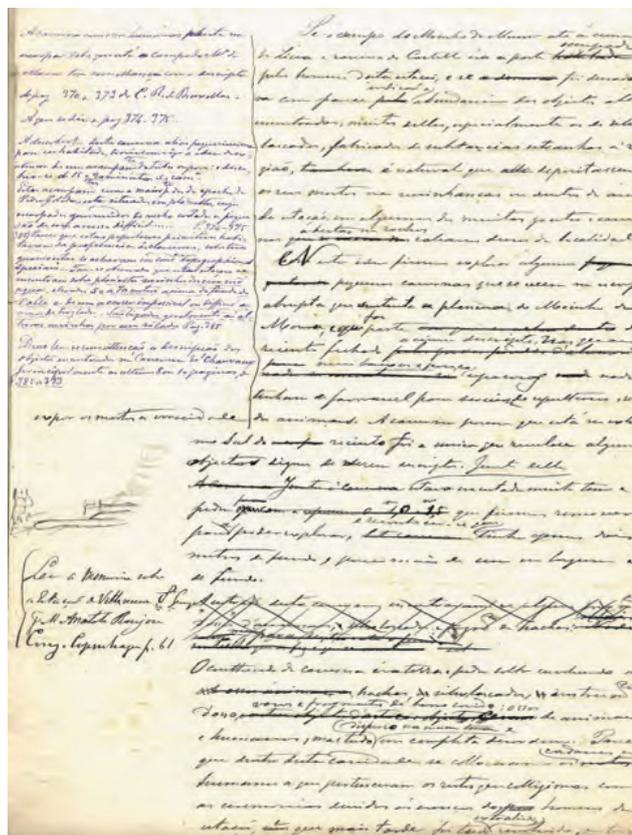


Fig. 1 – Página original autógrafa de Carlos Ribeiro, pertencente à minuta da monografia dedicada a Leceia, datada de Fevereiro de 1877, publicada nas Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1878 (Tomo V, parte 2.ª).

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

a publicar no ano seguinte; a data mencionada encontra-se aposta no início do respectivo manuscrito (Fig. 1), indício de que as explorações já haviam terminado no terreno, tendo delas resultado memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa em 1878 (RIBEIRO, 1878) (Fig. 2).

As explorações realizadas em Leceia conduziram Carlos Ribeiro a identificar a plataforma do Moinho da Moura, correspondente a um afloramento de calcários recifais sub-cristalinos do Cenomaniano superior, dominando do alto da encosta direita o vale da ribeira de Barcarena, como a área correspondente ao núcleo do antigo povoado pré-histórico, em virtude do elevado número de artefactos arqueológicos que recolheu, e que fez transportar para o Museu da então Secção dos Trabalhos Geológicos, onde actualmente se conservam. A sua formação militar conduziu-o a considerar muito mais vasta do que era na realidade, a área ocupada por aquela comunidade pré-histórica. Na verdade, repugnava-o a ideia de que, situando-se o núcleo principal na plataforma do moinho da Moura, já o espaço situado a Oeste, de cotas superiores, correspondente à actual povoação de Leceia, não fosse ocupado, pois isso, de acordo com os

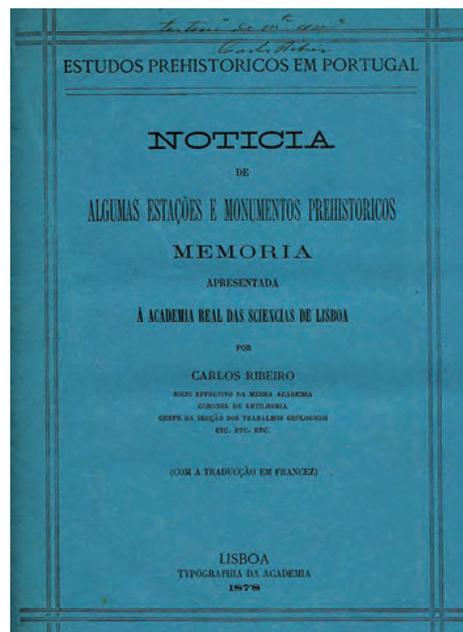


Fig. 2 – Leceia. Capa da brochura publicada nas Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1878 (Tomo V, parte 2.^a).

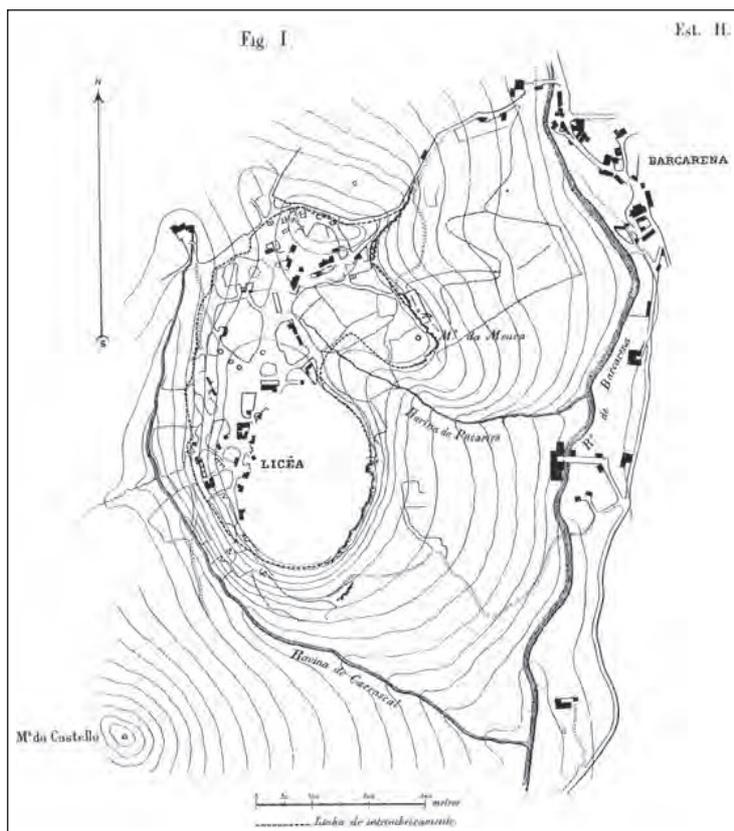


Fig. 3 – Leceia. Planta de Carlos Ribeiro, contendo a localização do povoado de Leceia, na plataforma do Moinho da Moura, e delimitação da linha de entrenchamento por ele considerada (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. I).

princípios do século XIX corresponderia a uma posição indefensável perante um ataque. Desta forma, a área que supostamente tinha sido ocupada em tempos pré-históricos foi delimitada, na carta que fez acompanhar o seu trabalho, por uma imaginária linha de entrenchamento, seguindo o contacto entre os calcários recifais do Cenomaniano superior – o qual, na verdade, por vezes forma cornija abrupta – e as bancadas subjacentes de calcários e margas do Cenomaniano inferior e médio (Fig. 3).

Tendo presente, por outro lado, a sua formação como geólogo, não poderia deixar passar em claro as observações petrográficas sobre as matérias-primas em que foram confeccionados os diversos tipos de artefactos. Assim, no respeitante aos materiais de pedra polida, foi o primeiro a verificar a utilização de anfibolitos, que naturalmente teriam origem exógena. A este propósito, importa salientar que certos trabalhos publicados na actualidade, tidos como metodologicamente inovadores, por abordarem certas

questões, supostamente pela primeira vez, já de há muito estas tinham sido discutidas em bases bem mais sérias, mas entretanto caídas, por alguns, no esquecimento. Também as variedades de sílex com que se deparou lhe mereceram atenção, sublinhando a presença de sílex negro, o qual, na verdade pode ter sido obtido localmente, em finos leitos tabulares interestratificados nas bancadas calcárias, enquanto o “pyromacho”, de colorações avermelhadas, pode ter provindo da região de Rio Maior (CARDOSO & MARTINS, 2013). Com efeito, apesar de, localmente, ser assinalável a disponibilidade de sílex, especialmente de colorações acinzentadas, tal qual o encontrado em antigas explorações da região de Lisboa (CHOFFAT, 1889; CARDOSO & COSTA, 1992; CARDOSO & NORTON, 1997/1998; FORENBAHER, 1999), a abundância e qualidade do existente na região de Rio Maior, com evidentes semelhanças com algumas das produções de Leceia, autoriza aquela conclusão.

Outra faceta em que se revela a formação de geólogo de Carlos Ribeiro, é a importância que confere à classificação dos restos faunísticos recolhidos, prática que só no dealbar do último quartel do século XX voltou a ser valorizada no nosso País, igualmente pela via geológica e paleontológica (ANTUNES, 1987; CARDOSO, 1992).

A própria presença dos afloramentos calcários nos quais se implantou o povoado pré-histórico, foi explicada por efeito de uma falha situada a Norte, que provocou a deslocação destas camadas face às formações basálticas mais modernas, pondo-as em contacto. Tal falha assinala-se na carta geológica ulteriormente publicada, revelando bem a competência do geólogo.

Do ponto de vista arqueológico, onde a exploração efectuada por Carlos Ribeiro se revelou mais profícua foi numa pequena cavidade natural existente na escarpa do moinho da Moura, voltada a Este, para o vale da ribeira de Barcarena, a qual foi por si reproduzida num belo desenho a carvão (Fig. 4). Ali veio a encontrar amálgama de ossos humanos e vasos cerâmicos, embalados em terras e cinzas, evidenciando um depósito secundário. Os ossos humanos foram também por si estudados, revelando também neste domínio, uma assinalável capacidade de intervenção. Mais tarde, os mesmos materiais foram reapreciados, bem como datados, o que conduziu a diversas conclusões (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). Em síntese, afigura-se que a distribuição etária e por sexos que foi encontrada é compatível com as características esperáveis numa comunidade que tivesse ocupado o povoado pré-histórico. Com efeito, recolheram-se segmentos anatómicos pertencentes a todas as regiões do esqueleto, embora se tenha notado uma escassez de restos vertebrais e cranianos, facto que pode explicar-se pela maior fragilidade dos mesmos, aquando do transporte para a cavidade. O conjunto representa um mínimo de 5 indivíduos, incluindo dois adultos com menos de 35 anos (1 masculino e outro feminino), um adolescente, entre os 16 e os 20 anos e 2 indivíduos infantis, um entre 4 e 6 anos, outro entre 5 e 7 anos. A datação de radiocarbono

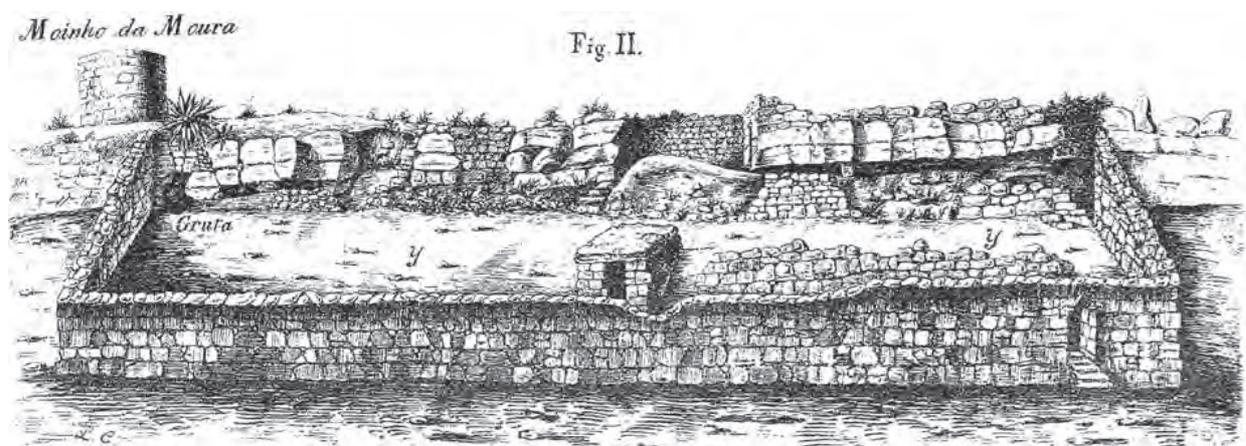


Fig. 4 – Leceia. Construção de planta rectangular, supostamente pré-histórica, encostada á escarpa do moinho da Moura, na base da qual se assinala pequena cavidade natural completamente preenchida por materiais antropológicos e arqueológicos (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. II).



Fig. 5 – Leceia. Fotografia aérea, evidenciando-se as três linhas muralhadas, defendidas por bastiões. Foto G. Cardoso.

Leceia foi até agora o único que permitiu o estabelecimento de uma correlação estreita, estabelecida no decurso das escavações, entre a cronologia absoluta das diversas ocupações, a sucessão cultural observada e as diversas fases construtivas evidenciadas.

Para tal, foram realizadas aproximadamente 40 datações de radiocarbono, que, articuladas com a sequência estratigráfica e construtiva, permitiu apresentar um modelo de ocupação das sucessivas comunidades ali instaladas, sintetizando vinte anos de escavações arqueológicas entre 1983 e 2002.

A primeira ocupação arqueológica remonta ao Neolítico Final da Estremadura, entre cerca de 3300 e 2900 BC. Depois de um curto período de abandono, que pode ter durado no máximo 150 anos, edificou-se logo no início do Calcolítico Inicial, cerca de 2800 BC, um imponente dispositivo defensivo, constituído por três linhas de muralhas, reforçadas exteriormente por bastiões semi-circulares, completando as defesas naturais já existentes, correspondentes a duas escarpas de calcários recifais cretácicos constituindo esporão debruçado sobre o vale (Fig. 5). Este dispositivo defensivo foi sendo sucessivamente remodelado e reforçado, no decurso dos 300 anos seguintes, o que bem evidencia o clima de instabilidade e de competição social então vivido pela comunidade que o ocupava e nele vivia em permanência. Cerca de meados do milénio, entre 2600/2500 BC (Calcolítico Pleno), as construções defensivas anteriormente construídas entram em declínio, ao mesmo tempo que a área ocupada intramuros se vai progressivamente retraíndo em torno da zona central do povoado, antecedendo o seu definitivo abandono, cerca de 2000 BC.



Fig. 6 – Leceia. Placa toponímica de arruamento com o nome de Carlos Ribeiro. Foto Conceição André.

obtida sobre um conjunto de restos de diversos indivíduos, deu o seguinte resultado: ICEN-737 – 3920 +/-70 BP, 2580-2190 cal BC (2 σ), compatível com a ocupação do povoado pré-histórico no decurso do Calcolítico Pleno.

Estes resultados são de assinalável interesse, até porque respeitam às escasíssimas colecções antropológicas pré-históricas portuguesas susceptíveis de se poderem associar directamente a um local habitado. Mas não é só por isso que o sítio merece a notoriedade que actualmente detém. Com efeito, entre os três mais importantes povoados fortificados calcolíticos da Estremadura, o de

seguintes, o que bem evidencia o clima de instabilidade e de competição social então vivido pela comunidade que o ocupava e nele vivia em permanência. Cerca de meados do milénio, entre 2600/2500 BC (Calcolítico Pleno), as construções defensivas anteriormente construídas entram em declínio, ao mesmo tempo que a área ocupada intramuros se vai progressivamente retraíndo em torno da zona central do povoado, antecedendo o seu definitivo abandono, cerca de 2000 BC.

Assim, deve-se a Carlos Ribeiro a prioridade de ter identificado e depois publicado, apesar de nele jamais ter efectuado escavações, aquele que, por muitos anos, foi o único exemplo cientificamente confirmado de um povoado pré-histórico no território português, e que, mercê das escavações nele efectuadas mais de um século após a sua identificação e publicação, se veio a tornar num dos sítios mais importantes, no seu género, do território peninsular. Por isso, nas imediações do

local onde há mais de 5000 anos se implantou o celebrizado povoado pré-histórico, foi inaugurado arruamento com o seu nome (Fig. 6).

O interesse que despertou na comunidade científica portuguesa e internacional a publicação de Carlos Ribeiro encontra-se atestado pela frequência das referências bibliográficas, a começar por José Leite de Vasconcelos, que em sucessivas visitas dominicais, se interessou pelo local ao ponto de ter publicado em *O Arqueólogo Português* artigo de sua autoria (VASCONCELOS, 1917) e de ter recopiado a carta de localização de Carlos Ribeiro, assinalando a distribuição dos materiais pré-históricos na plataforma do moinho da Moura, cuja designação alterou para moinho do Pires (Fig. 7) (in COITO, CARDOSO & MARTINS, 2008, p. 142).

Importa sublinhar que, em homenagem às escavações realizadas por Carlos Ribeiro em Leceia, decidiu a Câmara Municipal de

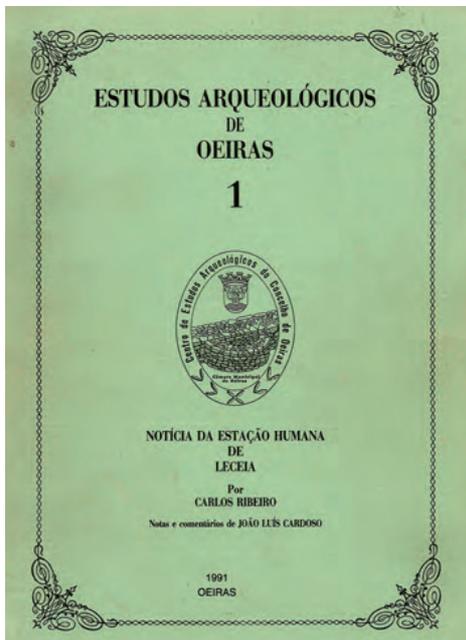


Fig. 8 – Capa do 1.º volume dos Estudos Arqueológicos de Oeiras (1991), onde se apresentou reprodução integral em *fac-símile* da memória original de Carlos Ribeiro, com notas e comentários do signatário.

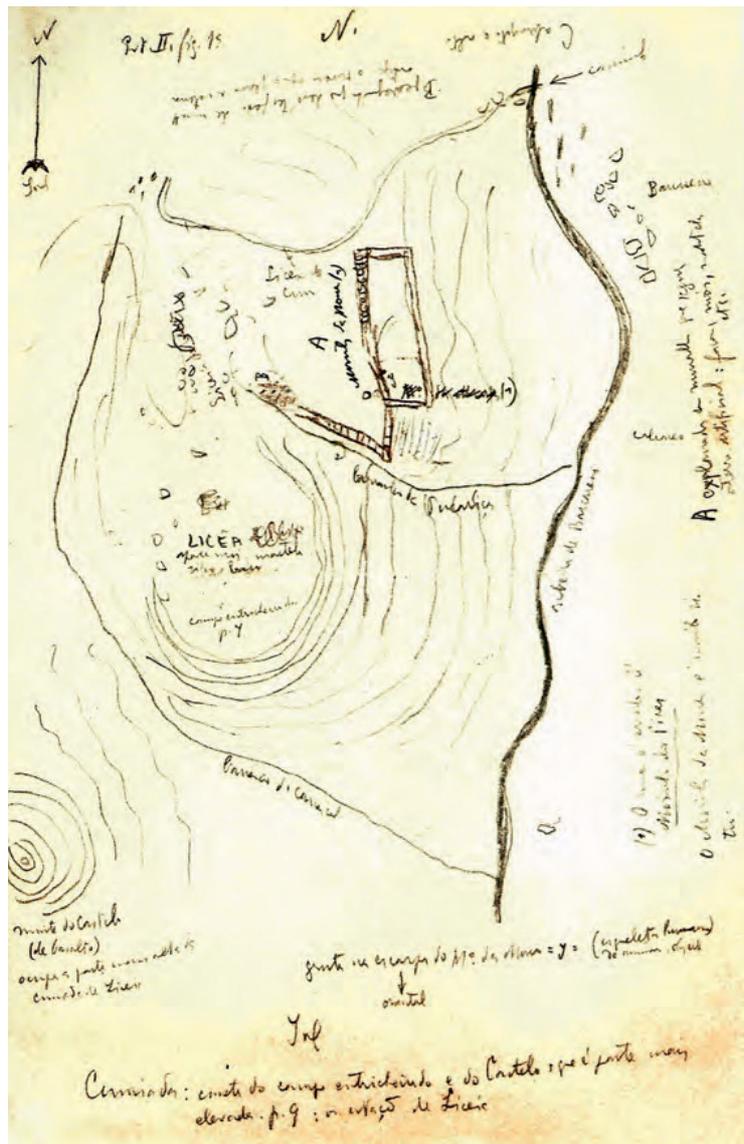


Fig. 7 – Leceia. Planta de José Leite de Vasconcelos, decalcada da de Carlos Ribeiro, mas com anotações sobre a distribuição de espólios arqueológicos no terreno (COITO, CARDOSO & MARTINS, 2008, p. 142) – Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Oeiras através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, inaugurar a série Estudos Arqueológicos de Oeiras com a publicação em fac-símile da monografia de 1878 dedicada àquele povoado pré-histórico, com notas e comentários do signatário (Fig. 8), a qual foi apresentada no Dia do Município, 7 de Junho de 1991. Deste modo, a figura tutelar de Carlos Ribeiro continuou presente nos trabalhos arqueológicos empreendidos naquela e em outras estações arqueológicas oeirenses, nesta nova etapa de investigações sob a égide do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO.

3 – A GRUTA DA PONTE DA LAGE

O outro sítio arqueológico oeirense ligado ao nome de Carlos Ribeiro é a gruta da Ponte da Lage, situada perto da margem esquerda da ribeira da Lage, numa pequena cornija de calcários sub-cristalinos muito tectonizados do Cenomaniano superior (Fig. 9), tendo a curvatura da entrada da gruta lembrado a O. da Veiga Ferreira afeiçoamento, à maneira das grutas artificiais. As explorações tiveram lugar entre princípios e finais de Maio de 1879, conforme etiquetas apostas em algumas peças (9 de Maio de 1879; 28 de Maio de 1879; 30 de Maio de 1879) (Fig. 10). A designação já então dada a esta gruta pressupõe a existência de uma ponte anterior àquela actualmente existente no mesmo local.



Fig. 9 – Gruta da Ponte da Lage. Vista da implantação da gruta (ao centro), em pequena escarpa calcária na margem esquerda da ribeira da Lage, situada em primeiro plano. Foto de G. Zbyszewski (1942 ?).

É crível que a intervenção tivesse sido motivada pela realização, em Setembro do ano seguinte, da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, cujas reuniões decorreram na Academia Real das Ciências de Lisboa, dada a necessidade de engrossar a colecção de materiais arqueológicos susceptíveis de serem mostrados aos congressistas. Com efeito, esta intervenção foi coeva da ordenada por Carlos Ribeiro, com a mesma finalidade, em outras grutas naturais da região, como é o caso da gruta de Porto Covo e das chamadas furnas de Poço Velho, situadas actualmente na área urbana de Cascais.



Fig. 10 – Gruta da Ponte da Lage. Etiqueta colada a um artefacto com a data da colheita (30 de Maio de 1879) e localização, a 11 m da entrada da gruta e à profundidade de 0,30 m.

As publicações que recentemente lhes foram dedicadas permitem situar as explorações na primeira entre 29 de Janeiro e 27 de Fevereiro de 1879 (GONÇALVES, 2008 a); contudo, os trabalhos prosseguiram até pelo menos o mês de Março, dado que, em 19 de Março de 1879 António Mendes remeteu a Carlos Ribeiro uma carta de Porto Covo, dando conta das despesas e dos pagamentos dos trabalhos efectuados (GONÇALVES, 2008 b, p. 33, 34), o que explica a referência ao mês de Março contida em escassas etiquetas respeitantes

a algumas peças dos espólios exumados. No que respeita às furnas de Poço Velho, as etiquetas apostas nas respectivas peças exibem datas entre 26 de Março de 1879 e 15 e Maio de 1879, correspondendo inequivocamente às datas em que foram exumadas e não às correspondentes à sua inventariação. Desta forma, é possível que as escavações na gruta da Ponte da Lage tenham começado quando as de Cascais terminavam, prolongando-se depois para além delas, como sugere as datas das etiquetas, e, tal como aquelas, dirigidas directamente pelo colector António Mendes, coordenando outros funcionários da instituição, cujos nomes ficaram registados no que às explorações de Cascais diz respeito.

Das escavações realizadas, elaborou-se planta e corte, pertencentes ao Arquivo Histórico do LNEG, aqui reproduzidos pela primeira vez (Fig. 11 e 12).

Os espólios recuperados conservam-se, tal como os de Leceia, no Museu Geológico do LNEG, a eles se somando os obtidos nas explorações realizadas entre 3 e 15 de Novembro de 1958 por O. da Veiga Ferreira e colaboradores (Fig. 13), ainda a tempo dos resultados serem apresentados em Dezembro daquele ano ao I Congresso Nacional de Arqueologia, tendo sido publicados nas respectivas actas (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959). Contudo, o caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo a esta intervenção (arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso), regista outras datas, mais fidedignas, para a dita intervenção de campo, que de facto se teria realizado entre 3 e 13 de Outubro de 1958.

Os motivos que estiveram na origem desta segunda intervenção justificaram-se por ter sido recolhido por Carlos Ribeiro um conjunto de artefactos atribuíveis ao Mustierense e ao Paleolítico Superior, que só vieram a ser publicados muitos anos depois (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942); nestes termos, importava avaliar a possibilidade de ainda se conservar algum depósito intacto daquelas épocas no interior da cavidade, o que não se verificou, confirmando-se que aquela fora quase completamente esvaziada no tempo de Carlos Ribeiro. Apenas a área adjacente à entrada, não escavada no século XIX, veio a revelar uma única tumulação neolítica, encostada à parede da gruta, com um corpo depositado em decúbito dorsal (VAULTIER, ROCHE & FERREIRA, 1959).

Enfim, em 1993, efectuou-se uma derradeira intervenção na cavidade, dirigida pelo signatário, com o objectivo de pro-

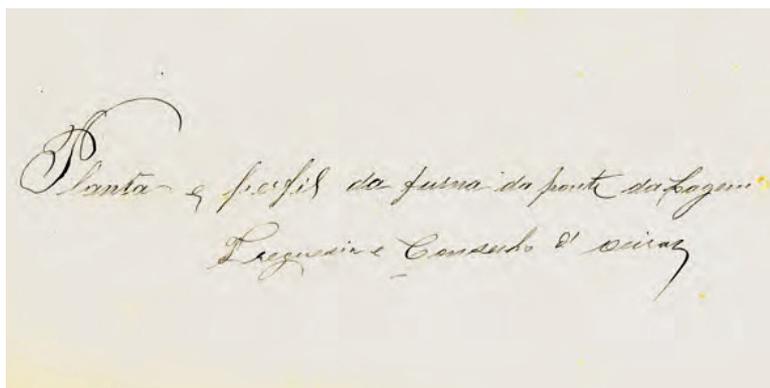


Fig. 11 – Gruta da Ponte da Lage. Capa da pasta com o levantamento da planta e corte da gruta da Ponte da Lage. Arquivos Históricos do LNEG.



Fig. 13 – Gruta da Ponte da Lage. Trabalhadores à entrada da guta, aquando da intervenção de Outubro de 1958, dirigida por O. Dda Veiga Ferreira. Arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso.

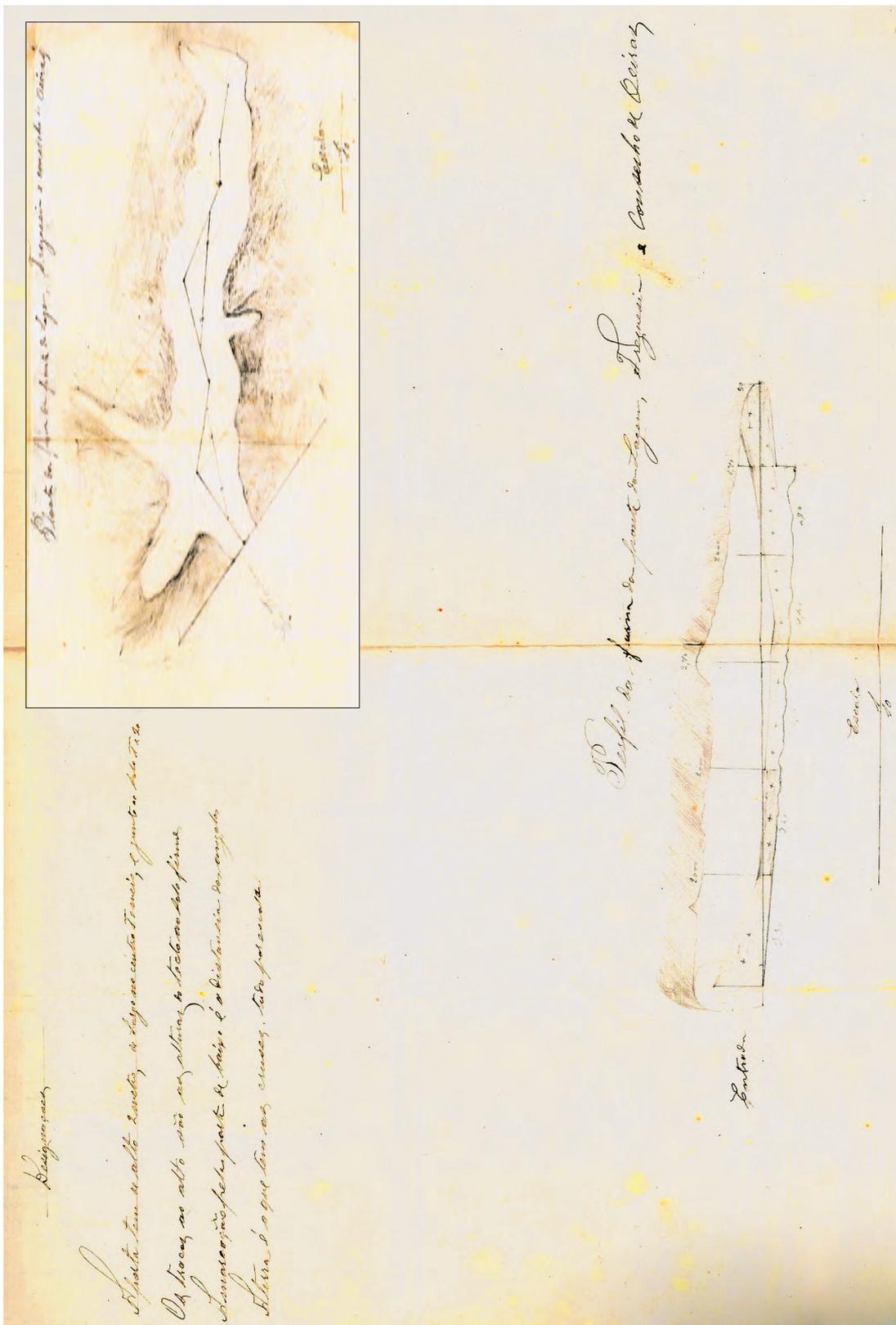


Fig. 12 - Gruta da Ponte da Lage. Planta e corte longitudinal. Arquivos Históricos do LNEG.

ceder à sua limpeza e registar a existência de eventuais divertículos ainda não sinalizados, bem como averiguar a presença de um espaço na parte mais profunda da gruta mencionado no estudo de 1959. Tais trabalhos foram motivados pela construção dos acessos ao complexo empresarial Lagoas Parque, o que motivou a alteração do traçado de um daqueles acessos, por forma a não intersectar o sector mais interior da gruta. Tais trabalhos foram acompanhados pela revisão dos espólios mustierenses e dos atribuídos ao Paleolítico Superior exumados nas escavações anteriormente realizadas, tendo sido identificado artefacto inquestionavelmente do Paleolítico Superior, que até então fora confundido com uma ponta de seta pedunculada neolítica: trata-se de rara ponta de projectil solutrense de cuidadoso talhe bifacial, com paralelos na gruta das Salemas (CARDOSO, 1995, Fig. 6, n.º 11).

Deste modo, verifica-se que, dos espólios recolhidos na intervenção de Carlos Ribeiro, apenas os materiais paleolíticos tinham sido já devidamente caracterizados (CARDOSO, 1995), a que se juntou o conjunto atribuído à Idade do Bronze (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Faltava proceder de igual modo ao estudo sistemático dos espólios atribuíveis ao Calcolítico, já objecto de anterior publicação (ZBYSZEWSKI, FERREIRA & VIANA, 1957), representados quase exclusivamente por produções campaniformes, tanto cerâmicas como metálicas, as quais tinham sido apenas objecto de análises pouco desenvolvidas que mereciam ser retomadas (FERREIRA, 1966; HARRISON, 1977), objectivo que se concretizou com a publicação de um estudo no presente volume (CARDOSO, 2013).

Em suma, as investigações arqueológicas promovidas e realizadas por Carlos Ribeiro no concelho de Oeiras desenvolveram-se nos anos de 1877, no respeitante a Leceia, e de 1879, no respeitante à gruta da Ponte da Lage, embora só as primeiras tivessem sido publicadas pelo autor, que foi, deste modo, o primeiro arqueólogo a realizar trabalhos na região, estendendo-os, na mesma época, à exploração de diversos monumentos megalíticos do aro de Sintra (em 1878), e, no concelho de Cascais, às grutas de Porto Covo e de Poço Velho (em 1879), todos eles de inquestionável pioneirismo e qualidade.

AGRADECIMENTOS

À Dr.^a Paula Serrano, do Núcleo de Biblioteca e Arquivos Históricos do Laboratório Nacional de Energia e Geologia que em tempo curtíssimo conseguiu localizar e digitalizar o caderno com a planta e cortes da gruta da Ponte da Lage, ora reproduzida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 103-144.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23/1).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 341-350.
- CARDOSO, J. L. (1992) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- CARDOSO, J. L. (1995) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 49-66.
- CARDOSO, J. L. (2013) – A necrópole campaniforme da Gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e enquadramento da respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20 (neste volume).
- CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 229-245.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 341-350.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) – O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 2, 85 p.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J.R. (1997/1998) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6, p. 287-299.
- CHOFFAT, P. (1889) – *Étude géologique du tunnel du Rocío*. Lisboa: Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo.
- FERREIRA, O. da Veiga (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 12 – Nova Série).
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: BAR International series 756.
- GONÇALVES, V. S. (2008 a) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais). Uma revisão e algumas novidades*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2008 b) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. Harvard University: American School of Prehistoric Research/Peabody Museum.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. I – Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- (N/A, 1878) – *Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, topográficos, hydrographicos e Geologicos do Reino. Relatório do primeiro semestre de 1876 e do anno económico de 1876-1877*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1917) – Arqueologia license. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 203-206.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 111-114.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1957) – A gruta pré-histórica da Ponte da Laje (Oeiras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 389-400.